

EDUCAÇÃO E IDEOLOGIA

Lucas Luan Ribeiro Quérico¹

Em tempos de crise estrutural do capital, ou seja, uma crise que afeta todas as dimensões sociais (arte, educação, filosofia, política, geografia, etc.), diversos discursos surgem dizendo que a educação é “humanizadora”, ou que está desvinculada de uma base ideológica. Neste texto analisaremos a origem, natureza e função social da educação e posteriormente da ideologia, para que possamos analisar a veracidade dos discursos acima citados. Não pretendemos neste breve texto esgotar todas as questões que envolvem a educação em relação à ideologia, mas tentaremos nos aproximar ao máximo do nosso objeto de estudo.

Para entendermos a temática proposta partiremos dos textos da ontologia marxiana, fundamentalmente dos escritos da maturidade do filósofo húngaro György Lukács e algumas formulações de Karl Marx. Escolhemos estes autores não por mero gosto ou escolha acadêmica, mas sim, porque estes pensadores deixaram escritos de suma importância para que possamos pensar a respeito do ser social e sua totalidade.

Elencamos nossa exposição em três momentos: primeiro faremos um breve resgate onto-histórico entre a educação e sua categoria fundante; segundo evidenciaremos a origem natureza e função social da ideologia com base na ontologia marxiana; e por últimos colocaremos nosso pensamento a respeito dos questionamentos levantados.

¹Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Humanas e Sociais na UFMS em Campo Grande – MS. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) sob orientação do Prof.º Dr.º Rafael Rossi. E-mail: lucasquerico@gmail.com

Trabalho e educação na formação do ser social

O ser social existe objetivamente e este é um fato que não se pode negar. Se voltarmos no tempo poderemos analisar que o ser orgânico existiu antes do ser social e o ser inorgânico antes do ser orgânico, logo então, temos essencialmente três tipos de ser. Entre um ser e outro há o que Lukács denomina de “salto ontológico”,

Ontológico no sentido de uma mudança no sentido de qualidade, essa diferença está no fato de que a reprodução desse novo ser – ser social – está marcada pela constante produção do novo. (TONET, 2016, p.45-46)

O ser inorgânico pode se transformar, mas não pode se reproduzir. Uma pedra pode sofrer com a ação de alguns elementos e transformar-se em areia. O ser orgânico pode sofrer algumas modificações, entretanto, está marcado pela constante reprodução do mesmo. O pessegueiro produz pêssegos, que produz mais pessegueiros que produzem pêssegos e assim infinitamente. O ser social se reproduz biologicamente, contudo, está marcado pela incessante produção do novo.

Apenas o ser social pode efetuar atos de trabalho. O trabalho no âmbito do ser social é para Marx uma síntese entre subjetividade e objetividade, ou seja, entre consciência e realidade concreta. O que torna o ser social qualitativamente distinto do ser orgânico não é apenas sua consciência, mas também sua práxis, ou seja, sua capacidade de planejar idealmente o fim desejado.

Imaginemos que a alternativa escolhida para quebrar um coco seja a construção de um machado. Ao fabricá-lo, o indivíduo transformou a natureza, pois não existem machados na natureza. Esta compreensão é de suma importância pois a objetivação do machado é a “transformação da realidade.” (LESSA; TONET, 2011, p.19)

Nesse sentido, o machado é uma parte da natureza organizada em um objeto que possui valor de uso. Este objeto só pode existir como resultado de uma ação orientada conscientemente, ou seja, uma ação previamente idealizada para atender uma necessidade real, onde nesse processo o indivíduo transforma a natureza e a si próprio pois adquire conhecimentos e habilidades que não possuía anteriormente. Em suma, o trabalho é a categoria que funda o ser social e todos os outros complexos sociais.

O trabalho é a categoria fundante do ser social, todavia, atos como a linguagem e a educação devem estar conectados com o trabalho para que ele possa ser efetuado.

Com a complexificação da realidade social e o desenvolvimento das forças produtivas surgem novas necessidades que não podem ser supridas apenas pelo ato de trabalho. Outros

complexos sociais como a arte, filosofia, direito, política, geografia, etc. surgem para atender essas novas necessidades.

Para que os homens possam existir eles devem transformar a natureza constantemente. Essa é a essência do mundo dos homens, pois sem esta constante transformação a reprodução da sociedade seria impossível.

O pensamento marxiano subentende que os homens devem transformar constantemente a natureza para que possam existir. Sem essa transformação da natureza, a sociedade não conseguirá se reproduzir. Todavia, essa dependência não submete o mundo dos homens às mesmas leis do mundo natural. O homem deve se reproduzir biologicamente para que haja a continuidade da sociedade, contudo, a história dos homens vai para além da reprodução biológica. As lutas de classes, uma obra de arte, etc. podem ser usados como exemplo para evidenciar que a vida dos homens é determinada por fatores sociais, e não biológicos. (LESSA; TONET, 2011, p.17)

Os homens não nascem biologicamente orientados a efetuar atividades cruciais a sua sobrevivência, para isso, é necessário que se possa aprender o que se deve fazer, ou seja, aprender a trabalhar. O trabalho é uma atividade proposital previamente orientada onde os indivíduos se encontram mediante um leque de possibilidades que não pode ser orientado biologicamente. É por este motivo que o complexo da educação se faz necessário, ou seja, uma relação social em que os homens possam transmitir e se apropriar de valores, habilidades e técnicas essenciais para que o indivíduo possa se inserir no meio social.

A objetivação de um ato de trabalho possui uma dimensão social e coletiva, pelo fato de o indivíduo e o restante da comunidade se depararem sob uma situação nova que abre a possibilidade de desenvolvimento de toda a comunidade.

O trabalho é a base ineliminável do mundo dos homens por que transforma a natureza, possibilitando assim que o homem também se transforme nesse processo. Esse processo de transformação da natureza também permite que os homens construam constantemente novas situações históricas, conhecimentos, habilidades e relações sociais num processo de acúmulo de situações históricas novas que faz com que o ser social se torne diferente da natureza. (LESSA; TONET, 2011, p.26)

O trabalho tem a função de fundar os complexos sociais e realizar o intercâmbio orgânico entre a sociedade e a natureza. A educação cabe o papel de permitir que os indivíduos se apropriem do patrimônio material e espiritual para que os indivíduos possam se tornar membros do gênero humano, ou seja, a função social da educação é a de apropriação e transmissão dos conhecimentos adquiridos pela humanidade em determinada totalidade social.

Em seu sentido amplo, a educação se articula à necessidade dos homens – em todos os modos de produção – se apropriar das concretizações humanas, o que por sua vez, torna possível a continuidade do mundo dos homens. Através da educação os indivíduos podem se apropriar das objetivações humanas, que possuem traços sociais, ou seja, características particulares que apenas podem ser produzidas no âmbito do ser social. (ROSSI, 2016, p.149)

Nas comunidades primitivas a educação era tarefa de todos os indivíduos, e como ainda não havia divisão social do trabalho não havia um tipo de educação que favorecesse determinado grupo social. Com o surgimento da propriedade privada, exploração do homem pelo homem, divisão da sociedade em classes, divisão social do trabalho, etc. a sociedade deixa de ser uma comunidade e passa a ser uma realidade social dividida em grupos sociais antagônicos. A divisão social do trabalho separa aqueles que produzem a riqueza daqueles que se apropriam dela.

Nesse sentido, a educação é expropriada, ou seja, deixa de ser tarefa de todos os indivíduos e passa a atender as necessidades e interesses da classe dominante. Em suma, não podemos entender o papel que a educação exerce em cada formação social se desconsiderarmos as lutas de classes e a influência que esta última exerce na transmissão dos conhecimentos, valores e habilidades que serão transmitidos e apropriados para atender as demandas de cada formação social.

Sendo assim, os conhecimentos transmitidos e apropriados pela educação não se resumem em elementos imparciais ou neutros. Agora podemos avançar em nosso debate para compreender o papel da ideologia em meio a este processo.

Ideologia: um breve esboço

Agora que traçamos um delineamento geral entre o trabalho e os demais complexos sociais podemos esboçar um entendimento sobre a ideologia partindo da ontologia marxiana, ou seja, entender a atividade do homem partindo de uma lógica objetiva do movimento real da própria realidade no processo histórico.

No âmbito da ontologia marxiana há a prioridade da objetividade sob a subjetividade, pois para Marx “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” (MARX, 2008, p.47)

Essas formulações são cruciais para que possamos analisar o fenômeno ideológico sob um ponto de vista ontológico, ou seja, uma abordagem que possui o “objeto tendo como eixo o próprio objeto” (TONET, 2013, p.14).

Deve-se analisar a ideologia através da função social que cumpre no processo de reprodução social. A ideologia, segundo Lukács, é a forma de produção ideal da realidade para que a prática social se torne “consciente e capaz de agir”. A influência que a ideologia dominante exerce é sem dúvida maior que a ideologia revolucionária, uma vez que o poder da ideologia têm sua origem a partir “do solo social e da classe que está vinculada.” (ROSSI, 2017, p.4)

Por este fato Lukács diz que mesmo que uma ideia seja repleta de valores ou desvalores ela não deve ser considerada uma ideologia. Para que uma ideia possa se transformar em ideologia ela deve exercer uma função social no processo de reprodução social de determinada formação social.

Qualquer que seja a resposta que os homens formulem em resposta aos seus problemas econômico-social pode se configurar em uma ideologia ao conduzir a prática social. Em seu sentido amplo, a ideologia se evidencia na vida social e não é uma expressão usada apenas em momentos de crise, ou conflitos de interesse entre os indivíduos. (COSTA, 1999, p.63)

Em suma, não é seu aspecto de falsidade que determina o que é ideologia, mas sim sua função social, ou seja, orientar a práxis social no mundo dos homens. Desse modo, a realidade concreta coloca o campo de possibilidades que o homem efetua suas prévias-ideações o ato de trabalho que sempre é idealmente orientado, a ideologia orienta as decisões humanas para que elas se tornem conscientes e capazes de agir.

Os homens tendem a responder mediante as alternativas que lhes são impostas pela realidade objetiva, transformando certos elementos em perguntas, para as quais procura a melhor resposta possível. O homem responde ao seu ambiente, sendo assim, ele formula os problemas e “lhes dá a resposta possíveis naquele momento”. Essas respostas podem se consubstanciar em novas perguntas, e dessa forma consecutivamente, e dessa maneira as perguntas e respostas vão consubstanciando diversos níveis de “mediações que aprimoram e complexificam a atividade do homem” desenvolvendo e transformando sua própria existência. (VAISMAN, 1989, p.46)

Qualquer formulação ideal que os homens possam efetuar para a resolução de seus problemas cotidianos pode se tornar uma ideologia ao orientar a prática social. Entretanto, nem tudo pode se configurar em ideologia. Uma teoria científica ou uma ideia pode se tornar uma ideologia quando exerce uma função social, ou seja, um instrumento de luta social. Sendo assim, a realidade coloca o campo de possibilidades em que o homem elabora sua prévia-ideação e a ideologia orienta as decisões humanas para que segundo Lukács elas se tornem “conscientes e capazes de agir”.

Para Lukács, o problema em colocar a ideologia como falsificação do real em divergência à ciência está no fato de considerar a ciência uma “instância neutra em relação aos conflitos e mediações sociais”, onde essa instância – ciência- seria detentora dos mecanismos para impedir a influência negativa dos conflitos sociais. Nesse sentido, essa concepção possui uma proximidade

com o positivismo. (LESSA, 2015, p.41)

De igual maneira, educação e ideologia se encontram nas posições teleológicas secundárias. A diferença entre teleologia primária e secundária é que esta última coloca em movimento uma nova posição teleológica (COSTA, 1999, p.57). A educação – teleologia secundária - por exemplo está relacionada com a teleologia primária – trabalho – para conduzir outros indivíduos a objetivarem novas teleologias, como por exemplo um novo machado.

O fenômeno ideológico se faz presente em todas as formações sociais, uma vez que ele é o condutor teórico e prático que orienta a prática social nas sociedades de classes. Cabe à educação a função de transmitir e apropriar os conhecimentos adquiridos pela humanidade e à ideologia orienta a práxis social mediante os conflitos sociais.

A educação, como já discutimos acima, é determinada pela totalidade social e ela não pode ser analisada se deixarmos os conflitos de classes de lado. A ideologia orienta a práxis social mediante um conflito social, logo então, podemos afirmar que a educação não pode ser um complexo social neutro.

Considerações Finais

Neste texto, nosso esforço se deu no sentido de evidenciar a origem da educação e ideologia partindo da categoria fundante do ser social e dos demais complexos sociais, o trabalho. O trabalho efetua o intercâmbio orgânico entre homem e natureza para que as necessidades humanas possam ser atendidas na produção de objetos que possuem valor de uso, e dessa forma os complexos sociais são chamados à vida.

Educação e ideologia devem ser analisadas partindo da função social que exercem em determinada formação social. A análise do complexo da educação não deve ser descolada dos conflitos sociais. Dizer que a educação não possui uma base ideológica é uma maneira de nortear a práxis social mediante um conflito social objetivo entre as classes.

As ideologias emanam do solo social de cada formação social específica, onde a ideologia dominante é aquela que é originada da classe dominante. Em suma, podemos afirmar que é uma impossibilidade ontológica a educação ser desvinculada de uma base ideológica, pois nas comunidades primitivas e nas sociedades de classes a ideologia se ampara na perspectiva e nos interesses de cada classe social, pois é a ideologia que orienta a práxis social mediante os conflitos sociais.

Referências

COSTA, G. M. **Trabalho e Serviço Social: debate sobre a concepção de serviço social como processo de trabalho com base na Ontologia de Georg Lukács**(1999). Dissertação de Mestrado em Serviço Social da UFP, Recife: 1999, 120p.

LESSA, S. TONET, I. **Introdução a Filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LESSA, S. **Para Compreender a Ontologia de Lukács**. São Paulo: Instituto Lukács. 2015.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Prefácio, São Paulo: Expressão Popular, 2008.

ROSSI, R. “**Educação e Ideologia: uma análise ontológica**”. In: **Revista Filosofia e Educação**, v.8. nº2. Campinas, SP Junho-Setembro de 2016.

_____. **Ideologia: Uma Breve Introdução**. Texto publicado no Jornal Espaço Socialista nº 99.

Disponível em: <http://espacosocialista.org/portal/?p=5078> Último acesso: Novembro 2017

OLIVEIRA, I. F. PAIVA, I. L. COSTA, A. L. F. AMORIM, K. LIMA, F. C. **Marx Hoje: Pesquisa e Transformação Social**. São Paulo: Outras Expressões, 2016. Cap. 2, p.43-56

TONET, I. Lukács: Trabalho e Ser Social. In: OLIVEIRA, I. F. PAIVA, I. L. COSTA, A. L. F. AMORIM, K. LIMA, F. C. (Orgs.). **Marx Hoje: Pesquisa e Transformação Social**. São Paulo: Outras Expressões, 2016. Cap. 2, p.43-56

VAISMAN, E. A ideologia e sua determinação ontológica. **Ensaio** n.17/18. São Paulo: Editora Ensaio, 1989.